

## INTRODUÇÃO

O objeto deste estudo são os valores atribuídos à família por jovens de diferentes grupos sociais. Há amplo reconhecimento na literatura sobre família, sob diferentes perspectivas teóricas, de que essa instituição vem, no contexto das transformações capitalistas mais recentes, sofrendo mudanças importantes de conformação e atribuições sociais, de forma que na atualidade, a configuração familiar tem se apresentado bastante diversa daquela que caracterizou a família nuclear burguesa<sup>1,2</sup>.

As famílias monoparentais, e as compostas por sujeitos do mesmo sexo, por exemplo, não seriam reconhecidas como famílias à época da constituição da família nuclear<sup>1,2</sup>, que apartada de seus componentes históricos acabou por ser, na modernidade, idealizada como padrão de funcionalidade.

Da perspectiva marxista, tais mudanças são atribuídas às necessidades de reprodução social dos núcleos familiares, que dependem da inserção dos seus provedores na produção, e que se complexificaram<sup>3</sup>, sendo possível encontrar hoje diferentes arranjos familiares, que vão gradativamente sendo incorporados pela sociedade, reconhecidos teórica e metodologicamente, por exemplo, nos estudos demográficos<sup>4</sup>.

Dessa forma, pode-se notar: crescimento do número de mulheres chefes de família, que são provedoras da manutenção financeira; filhos que voltam com suas famílias para a casa dos pais e que a renda, advinda de aposentadoria ou pensão, sustenta várias gerações no espaço doméstico numa dinâmica cotidiana - reconhecida pelos estudos antropológicos - em que novos códigos convivem com os de gerações anteriores<sup>5</sup>.

Nessa dialética, reconhece-se que a dinâmica familiar complexificou-se também em função de alterações significativas do lugar da mulher, que ao conquistar o espaço público passou a desempenhar também papéis antes reservados ao homem. Reconhece-se ainda que essas alterações reverberaram nos filhos, na medida em que “*as mulheres saíram de casa para ir em busca de um projeto identitário e singularizante mas, em contrapartida, os homens não voltaram para compensar e equilibrar a ausência materna*”<sup>6</sup>. As crianças passaram a ir mais cedo e ficar mais tempo na escola e as famílias tem demandado, dessa agência de socialização secundária, parte da socialização primária, *outrora atribuição exclusiva da família*<sup>6</sup>.

Dentre tantos problemas sociais de cunho estrutural e nas dinâmicas de socialização dos jovens, a enorme onda de desemprego inerente aos processos de “globalização” da economia os atinge sobremaneira, trazendo como consequência a impossibilidade de perspectivar o futuro, o que